



NÓS
mulheres
assistentes
sociais
DE LUTA!

**Histórias inspiradoras
de assistentes sociais
mineiras**

As mulheres têm sido protagonistas de muitas transformações dentro do Serviço Social e são a maioria no cotidiano profissional. Por isso, o CRESS-MG homenageará algumas dessas milhares de assistentes sociais que se encontram nas mais diversas áreas de atuação, sendo exemplo, inspiração e principalmente retrato de como o gênero feminino tem influenciado na construção desta profissão e contribuído para uma sociedade mais justa e igualitária.

Os nomes selecionados para a homenagem são de profissionais inscritas no estado de Minas Gerais e que foram indicados pela própria categoria e sociedade, por meio de uma consulta aberta. Em alguns dias de divulgação, recebemos mais de 420 respostas contendo a indicação de mais de 270 assistentes sociais. A seleção



buscou garantir a diversidade racial, regional e de área de atuação.

Esta ação está alinhada à Campanha de Gestão do Conjunto CFESS-CRESS (2020-2023), cujo mote é “Nós, mulheres assistentes sociais de luta”. Esperamos que todas as assistentes sociais se sintam representadas através das histórias de vida aqui apresentadas!

//

Este material é divulgado em memória de Raquel Dayane de Faria, uma de nossas homenageadas, falecida em dezembro de 2022.



CIDA VILELA

SISTEMA PRISIONAL | VIÇOSA



Um levantamento feito em 2014 pela Associação Brasileira de Jurimetria (ABJ), a pedido do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), apontou que, em média, uma criança sem família fica mais de três anos em um abrigo até que consiga ser adotada. Felizmente, Cida Vilela, nascida em Coimbra e hoje, assistente social do Sistema Prisional de Viçosa, contrariou as



estatísticas, tendo sido acolhida por sua nova mãe e pai, com um ano e meio de idade.

Mãe de dois garotos, Guilherme e João Lucas, considerados pela profissional como a grande conquista de sua vida, Cida é grata por ter sido adotada por sua família, que, com todo amor e afeto necessário, lhe proporcionou uma vida digna e feliz. Ela conta que teve a sorte de poder ser realmente uma criança, brincando e vivendo aventuras, assim como deveria ser para todas e todos os pequenos.

Influenciada pelo pai, que na época cursava Direito, Cida foi apresentada ao Serviço Social e lembra que o início do curso foi bem difícil, mas que com o tempo, seus estudos e pesquisas a fizeram se apaixonar pela profissão. Não obstante, a assistente social se formou e buscou mais conhecimento, se especializando em



Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes e em Assistência Social e Saúde Pública.

A luta pela valorização da profissão, por locais de trabalho adequados e pela melhoria dos salários sempre a acompanhou e, por isso, participa de reuniões e outras atividades da categoria. “Hoje posso dizer que estou vivendo um momento melhor em minha profissão: autonomia, local adequado e carga horária com um salário mais justo”, porém, ela ainda corre atrás de seu maior sonho: a estabilidade de passar em um concurso público.

Uma das prioridades de Cida é se manter alinhada com o projeto ético e político do Serviço Social e, para isso, ela preza pela qualidade do serviço prestado a quem atende na cadeia, tendo a liberdade como valor ético central e compromisso com a autonomia e emancipação



dos indivíduos sociais: “Quando lutamos por direitos e estes são efetivados é uma conquista para nós, não só como assistentes sociais, mas também para como seres humanos”.

Cida afirma que não consegue ver um futuro sem as e os assistentes sociais e que cada vez mais, o Serviço Social se torna necessário em diferentes áreas de atuação. Pela paixão, perseverança e dedicação ao trabalho, Cida Vilela é uma das homenageadas do CRESS-MG!



ÉRICA PAULA

SAÚDE MENTAL | JUBERLÂNDIA



A escuta é um recurso muito presente no Serviço Social e exige técnicas para ser bem executada.

Quando feita de forma qualificada, os benefícios podem ir além do que imaginamos. Foi depois de um atendimento acolhedor, com uma escuta gentil e respeitosa realizada por uma assistente social, que Érica decidiu que essa seria sua profissão.

Durante os estudos e logo após a formatura, a futura profissional enfrentou problemas de saúde física e mental que dificultaram, mas não a impediram de exercer a tão sonhada profissão. Seu primeiro emprego veio quase dez anos depois



de concluir a faculdade: com o incentivo de gente querida, estudou e conseguiu ser uma das primeiras aprovadas em um concurso público com 330 candidatas.

Na Prefeitura de Uberlândia, onde foi efetivada, atuou nos Centros de Atenção Psicossocial (Caps) da Infância e Adolescência e também de Álcool e Outras Drogas. Novamente, a escuta qualificada marcou sua trajetória profissional: em um atendimento, um usuário se queixou de problemas causados pelo alcoolismo, como fome, desemprego, e confessou que, naquele dia, queria tirar sua própria vida.

De forma ética e ciente de quais eram suas competências e atribuições privativas naquele espaço, Érica o escutou atentamente e quando perguntou o que poderia fazer por ele, recebeu a resposta de que ela já tinha feito: "eu precisava



falar, você me ouviu, e agora me sinto melhor". Hoje, ela atua em um Centro Especializado em Reabilitação voltado para pessoas com deficiência visual, neurológica e intelectual.

Longe de querer romantizar o Serviço Social, a assistente social tem consciência dos desafios da profissão, da luta por direitos, da barbárie capitalista que reitera a desigualdade social, mas pontua que prefere "estar nesse combate com o brilho nos olhos de alguém que acredita no ser humano".

Serviço Social é sim sobre direitos e cidadania, sobre teorias e técnicas, mas é também sobre empatia, sensibilidade e principalmente respeito. É por conciliar todas estas características no cotidiano profissional, que Érica é uma das homenageadas do CRESS-MG!



FERNANDA GOMES

EDUCAÇÃO | ITABIRA



Uma infância com ricas experiências que despertaram, desde cedo, um olhar preocupado com a justiça social. Criada no Quilombo do Bairro de Fátima, em Ponte Nova, na Zona da Mata Mineira, Fernanda, hoje com 35 anos, viu e viveu expressões da questão social, assim como viu também a comunidade se organizando para, coletivamente, encontrar formas de resistir às opressões sociais.

Para uma menina negra, periférica, a universidade era um sonho



distante, já que as oportunidades eram - e ainda são - escassas. Mas ela aproveitou bem as que teve. Ainda na juventude, participou da obra social Sociedade da Alegria, que atendia crianças em situação de vulnerabilidade e, neste espaço, aprendeu ensinamentos que ajudaram a construir a sua identidade pessoal e, futuramente, profissional.

Aos 17 anos, deixou o seio familiar, onde vivia com a mãe, o pai e o irmão, para se dedicar à vida religiosa, período em que aprendeu muito e que foi quando passou a considerar cursar Serviço Social. O desejo de se formar assistente social, Fernanda registrou em um diário, aos vinte anos. Pouco tempo depois, lá estava ela, realizando seu sonho na Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop).



“Sou a primeira da minha família e da minha ancestralidade a cursar o ensino superior e, sem dúvidas, isso é um marco e motivo de muito orgulho para minha história de vida”, diz a profissional. Com quase uma década de formada, Fernanda também é orgulho da profissão e faz parte de uma estatística que vem, aos poucos, crescendo: a de pessoas negras na universidade pública.

A educação formal tem um papel transformador na vida de populações mais pobres e, atualmente, a nossa assistente social homenageada, exemplo deste cenário, atua exatamente nesta política. Após um mês de formada, Fernanda passou no concurso público e, desde então, vive em Itabira e trabalha no Centro Municipal de Apoio Educacional (Cemae) ligado à Secretaria Municipal de Educação.



Na pandemia, ela resolveu compartilhar, nas redes sociais, conhecimentos e experiências neste espaço sócio-ocupacional em ascensão e, assim, reforçar a importância do Serviço Social na política educacional. A página no Instagram é, ainda, estímulo para ela seguir se atualizando, algo que tem conseguido também através da Comissão de Serviço Social na Educação, aqui do CRESS-MG.

“Essa oportunidade torna-se um espaço de renovação, de respeito à pluralidade de ideias e traz um fortalecimento das convicções e reflexões frente a minha atuação profissional”, afirma. Por todo o trabalho desenvolvido e difundido entre colegas de profissão, Fernanda é uma das mulheres, assistentes sociais de luta, homenageadas do CRESS-MG!



JUCILAINE NEVES SOUSA WIVALDO

ASSISTÊNCIA SOCIAL, MULHERES
AGRICULTORAS | PERDÕES



Quando completou quinze anos, o irmão mais velho de Jucilaine a levou para conhecer Juiz de Fora e a universidade federal da cidade. Natural da zona rural de Piedade do Rio Grande, foi criada por mãe e pai lavradores, na companhia de seus dois irmãos. Teve uma infância inocente, como ela mesma diz. Só foi ver TV aos doze anos de idade e, ainda assim, em preto e branco. As coisas que mais gostava de fazer era jogar futebol e escrever poesias.



A viagem à cidade grande despertou a vontade de estudar e, ter deixado a família, aos dezoito anos, foi uma das lutas mais marcantes que precisou travar para realizar este sonho. De doméstica a caixa de loja, Jucilaine trabalhava de dia e estudava no tempo restante. Fez curso técnico em Edificações, área em que chegou a trabalhar, mas se frustrou por, entre outros motivos, ser um espaço considerado masculino e com muito assédio sexual.

Assim, finalizou o curso em Serviço Social quando ainda atuava na outra área e um tempo depois, foi aprovada no mestrado no curso de Desenvolvimento Sustentável e Extensão na Universidade Federal de Lavras (Ufla). A jovem criada no campo teve, então, a oportunidade de aprofundar teorias marxistas e agregar saber na área da agricultura familiar, o que foi



essencial para o trabalho que viria a desenvolver com mulheres rurais no município de Perdões.

Em 2019, efetivada como assistente social na Prefeitura de Lavras, iniciou um importante trabalho com a Associação das Mulheres Agricultoras (Amagri) a fim de valorizar o ofício dessas mulheres e promover a segurança alimentar no município. De cafés para estreitar o vínculo com as agricultoras a encontros regionais, foram muitas as ações encabeçadas por Jucilaine, assim como articulações e parcerias para dar visibilidade a questões afetas a elas.

Mesmo com todos os avanços obtidos, ainda há quem desmereça seu trabalho na associação, dizendo que foi puramente administrativo, mas ela não tem dúvidas: sabe o quanto contribuiu e ainda contribui para o fortalecimento e mobilização



das agricultoras na busca pela igualdade de gênero no campo. Arrisca dizer, inclusive, que a Amagri é modelo na promoção de trabalho e renda da mulher do campo, bem como na Política de Segurança Alimentar.

“Mãe, esposa, assistente social, pesquisadora, sonhadora, mulher, e grata, pois, no decorrer dessa caminhada, que ainda não chegou ao fim, percebo quantas pessoas boas vieram até a mim e o quanto o Serviço Social é essencial na minha formação profissional e humana”, comenta Jucilaine, hoje lotada no Sesc de Lavras. Por se dedicar à melhoria de vida de outras mulheres, através da profissão, o CRESS-MG faz esta homenagem a ela!



MÁRCIA NOGUEIRA

ASSISTÊNCIA SOCIAL | VIÇOSA



“As pessoas estão muito individualistas, se esquecendo do respeito ao próximo. A intolerância que estamos observando hoje em dia, na sociedade, vai na contramão do que nós, profissionais de Serviço Social, estudamos.” É o que diz Márcia Nogueira, assistente social e mestre em Economia Familiar pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), que desde cedo foi ensinada por sua mãe e seu pai a enxergar a realidade da vida e a ter empatia.



Nascida e criada em Belo Horizonte, cidade apelidada carinhosamente pela profissional como “capital do mundo”, Márcia se formou pela PUC Minas e estagiou no pronto-socorro do Hospital João 23 pela Fhemig, experiência que foi essencial para sua formação profissional. Foi lá que, a partir da troca de saberes e com as orientações dadas por sua supervisora de estágio, ela pôde desenvolver sua autonomia profissional.

Atualmente Márcia é assistente social do Centro de Atenção Psicossocial (Caps 2) de Viçosa, na Zona da Mata Mineira, onde trabalha diariamente com pessoas com transtornos mentais, sobretudo aqueles de ordem severa ou persistente. Ministrando atividades artístico-terapêuticas com as usuárias e usuários, ela se sente realizada e feliz com seu



trabalho, dando destaque para os momentos em que leciona essas oficinas.

Ao ser questionada sobre qual momento de sua carreira foi mais significativo, Márcia diz que não existe apenas um, e que ela se recorda de cada momento de um modo especial. "Seria injusto falar de uma só conquista ou de um melhor momento profissional. Amo o Serviço Social e todas as suas áreas de atuação."

Para a assistente social, existem compromissos da profissão que não devemos nunca perder de vista: o respeito ao ser humano em sua totalidade, a liberdade de escolha e expressão e a defesa e intervenção em causas, projetos e movimentos sociais. Pela sua imensa dedicação e amor pelo Serviço Social, o CRESS-MG faz essa homenagem à profissional!



MARIA FERNANDA OLIVEIRA

SAÚDE | SÃO FRANCISCO



Comunicativa desde menina, Maria Fernanda era curiosa e se perguntava o porquê de muitas

situações que permeavam o seu cotidiano e o das pessoas ao seu redor. Ainda na adolescência, participava dos projetos sociais da igreja católica que frequentava e ficava encantada com o brilho no olhar daquelas pessoas ao agradecerem por estar ali.

Nessa época, começou a pesquisar sobre o Serviço Social e, ao se formar no ensino médio, já sabia que queria ser assistente social. Nascida e criada em Montes Claros,



hoje Maria Fernanda trabalha no Hospital Municipal de São Francisco, também no Norte de Minas. Viveu a pandemia atuando na política de Saúde: a mais demandada e sobrecarregada deste período.

Ainda assim, é grata por todas as experiências vividas, pois aprendeu muito e teve a certeza de como o Serviço Social foi crucial neste momento e pôde fazer diferença na vida das pessoas. Depois de tudo que viu e viveu e ciente das dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, Maria Fernanda não hesita em dizer que seu melhor momento da carreira é agora, por estar empregada.

Nas palavras das pessoas que a indicaram para esta homenagem, "Maria Fernanda analisa com muito amor, carinho e responsabilidade as condições



de vida da população. Orienta com atenção sobre como ter informações, acesso aos direitos e serviços para atender suas necessidades sociais, além de constantemente ser elogiada por usuárias, usuários e seus familiares". Quer reconhecimento maior que esse? Pela dedicação, o CRESS-MG a homenageia!



MARIA VICENTINA VIEIRA (SANTINHA)

SAÚDE | ARAXÁ



Sempre é tempo para (re) começar. No auge da pandemia, em 2020, Maria Vicentina,

assistente social da Secretaria Municipal de Saúde de Araxá, no Triângulo Mineiro, descobriu um câncer no intestino. Entre cirurgia e quimioterapias, passou-se um ano até a cura e, para Santinha, como é conhecida, ficar sem trabalhar foi uma das situações mais difíceis de encarar durante este processo.

Um momento desafiador, mas como tantos vividos por ela, ao longo de seus 71 anos, foi superado com



maestria - e com uma boa dose de fé. Filha de um casal pobre, Nervino e Maria Vicentina, sempre sonhou alto, mas o desejo de estudar, que tanto almejava, era impossível na sua infância. O tempo passou, casou, teve seus filhos amados e só depois que cresceram pôde se dedicar aos estudos.

Formou-se em Serviço Social aos 57 anos e em seguida fez pós-graduação em Políticas de Assistência Social e Gestão do SUS. Relaciona-se bem com os vários segmentos da sociedade e faz questão de participar das decisões do município, além de integrar o Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS) e ter um papel fundamental dentro do Núcleo de Assistentes Sociais (NAS) de Araxá.

Incansável, Santinha sonha em unir a categoria profissional para



alinhar o conhecimento através de formação continuada e para lutar pela implementação da Lei das 30h (Lei Federal 12.317/10) e aprovação do PL 26.931/20 que dispõe sobre o piso salarial de assistentes sociais. Ainda há muito a ser feito e que bom ter profissionais comprometidas como esta, que é uma das homenageadas do CRESS-MG!



MARIANA NERY

ASSISTÊNCIA SOCIAL | CONCEIÇÃO DO PARÁ



Engana-se quem acredita que ser assistente social numa cidade pequena é tarefa simples. Há várias particularidades dessa atuação e os desafios podem ser ainda

maiores quando se está longe de casa. Conceição do Pará, no Centro-Oeste Mineiro, tem cerca de seis mil habitantes e está há mais ou menos seiscentos quilômetros de distância do Rio de Janeiro, terra natal de Mariana.

Mas a relação da assistente social com Minas Gerais não começa aqui. Depois de se formar, ela fez sua Residência Multiprofissional



em Serviço Social na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Logo após, em 2019, foi aprovada em primeiro lugar no concurso público em Conceição do Pará, onde, desde então, trabalha no Centro de Referência de Assistência Social (Cras) do município.

Mesmo há pouco tempo na região, o trabalho desenvolvido por Mariana já vem ganhando destaque. No fim do ano passado, a assistente social, em articulação com outras e outros atores do município, conseguiu a aprovação de uma lei que irá desenvolver incentivos estudantis a fim de capacitar jovens locais para, assim, serem opção de mão de obra qualificada das empresas que se instalam por ali.

Durante as cheias do início deste verão, que afetaram a população conceição-paraense, a atuação da profissional também foi bastante



relevante. Mesmo com os desafios e limitações cotidianas, Mariana tem oferecido um trabalho de qualidade técnica e de respeito às usuárias e usuários e, por isso, é uma das homenageadas do CRESS-MG!



NATASHA DIAS

POP DE RUA, PESSOAS IDOSAS | BELO HORIZONTE



Nascida em uma família preta, com pai caminhoneiro e mãe dona de casa, Natasha, moradora da Zona Norte de Belo Horizonte, viu desde cedo como, no Brasil,

o acesso a determinados serviços e lugares se tornam privilégios de poucos, quando deveriam ser direito de todos - e todas. Assim como muitas mulheres, assistentes sociais de luta, foi a primeira do núcleo familiar a ingressar na universidade.

Chegou a trabalhar em outra área, mas o que realmente a



impulsionava e a fazia questionar, querer ser instrumento de mudança foi o Serviço Social. "Sou assistente social, profissional de luta, acolhimento, escuta e almejo todos os dias auxiliar, nem que seja com uma pequena fagulha, na emancipação, bem estar, desenvolvimento e cidadania plena de quem necessita", pontua, orgulhosa.

Na fase mais intensa da pandemia, trabalhou com a população em situação de rua através da Ação Humanitária Canto da Rua Emergencial. Naquele espaço, foi definida a metodologia e a prática de um projeto pioneiro, voltado para o acolhimento e o cuidado de um dos grupos populacionais mais vulneráveis e invisibilizados socialmente, principalmente durante o caos gerado pela Covid-19.



Hoje atua em um abrigo para idosas, onde estão em acolhimento institucional 28 mulheres com idades entre 61 e 100 anos com histórico de violação e/ou situação de risco. Neste espaço, o foco é garantir o bem estar delas em todos os sentidos, buscar que encontrem autonomia, mesmo durante o processo de envelhecimento, e trabalhar pela defesa de direitos, dignidade e proteção social dessas mulheres.

Mulher, preta, bissexual, do candomblé... Como ela mesma diz, "as várias porções de mim me levaram a diferentes caminhos e, entre eles, o envolvimento com movimentos sociais. Sempre estive em luta!": de fundadora do Coletivo LGBT Todas as Cores, em Matozinhos, a conselheira no Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial e integrante do Comitê de Diversidade Religiosa de Minas Gerais.



O envolvimento com as diversas bandeiras de luta da sociedade é, sem dúvida, um aspecto que enriquece o fazer profissional das e dos assistentes sociais. Natasha representa inúmeras profissionais que, apesar de todos os desafios cotidianos, consegue se dedicar a pautas coletivas de forma militante, ou seja, para além do trabalho remunerado. Isso é admirável e merece todo o nosso reconhecimento!



PÂMELA ROMÃO

SAÚDE | PERDÕES



Uma infância mágica em uma comunidade rural na região de Santo Antônio do Amparo, Oeste do estado. Assim

foi a vida de Pâmela, a partir do momento em que passou a morar com a irmã mais velha. Guardar as boas lembranças e viver com alegria tem sido a escolha dessa assistente social que, ainda criança, perdeu mãe e pai em decorrência de problemas de saúde física e mental agravados pelo alcoolismo.

Na escola, Pâmela era dedicada e adorava a convivência com as amigas e amigos, de quem



ouvira atenta as histórias de vida. Formou-se no ensino médio ainda sem saber qual faculdade faria ou mesmo se teria condições de arcar com as despesas de um curso superior. Conheceu, então, uma amiga formada em Serviço Social e foi a partir das conversas com ela que decidiu que seria assistente social.

Assim que conseguiu um emprego, prestou vestibular e foi aprovada em uma universidade privada. A preocupação de se teria ou não dinheiro para pagar as mensalidades deu lugar a uma grande alegria quando soube que havia conseguido uma bolsa de estudos pelo ProUni. Hoje agradece imensamente às professoras, professores e todas as pessoas que tanto a ensinaram na sala de aula e estágios.



Trabalha, há dois anos, como assistente social acompanhando pacientes com câncer, na Casa de Apoio Renascer, em Perdões. Para ela, a conquista desse primeiro emprego em sua área é o melhor momento de sua carreira. A depender do reconhecimento de colegas e pacientes do local, Pâmela com seu sorriso, ainda viverá muitos bons momentos!



RAQUEL APARECIDA DE OLIVEIRA

SAÚDE MENTAL, ASSISTÊNCIA SOCIAL
BELO HORIZONTE



Favelas e periferias, como o nome diz, estão nos limites da cidade. Não à toa, quem

mora nesses lugares costuma ser considerada ou considerado à margem da sociedade no que diz respeito a direitos básicos. Viver nesses espaços traz um olhar diferenciado sobre a desproteção social, afinal, ela faz parte do dia a dia de suas moradoras e moradores. Nascida em Belo Horizonte, a assistente social Raquel passou por diferentes regiões periféricas da cidade.

Hoje trabalha no Centro de Referência de Assistência Social



(Cras) de uma das áreas mais estigmatizadas da capital mineira: o Aglomerado da Serra. O desejo de cursar Serviço Social veio quando atuava como cuidadora de pessoas idosas em um projeto da prefeitura, também dentro de uma comunidade, e a psicóloga do Cras local descobriu, junto com ela, que seu perfil profissional apontava para a atuação na Política de Assistência Social.

No cotidiano profissional, ao realizar o trabalho social com famílias, no enfrentamento às múltiplas expressões da questão social, Raquel assume o compromisso de defender e reconhecer a liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes – autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais. Poder contribuir para melhorar a realidade de quem é carente de



tantas políticas públicas tem a ver com mudar a própria realidade.

E assim tem sido, não só por meio do Serviço Social, mas também da militância, especialmente na luta pela Reforma Psiquiátrica e outras questões afetas, como a população em situação de rua e a retirada arbitrária de bebês de mulheres com sofrimento mental e/ou usuárias de álcool e outras drogas. Estas temáticas, aliás, se relacionam com sua trajetória e a de sua família: a mãe, mulher com sofrimento mental, está desaparecida há 33 anos.

Além disso, a profissional cresceu ouvindo narrativas de familiares que tiveram direitos violados em hospitais psiquiátricos.

Ligados a sua história, estes fatos que dialogam com a Luta Antimanicomial e o combate à violência contra mulheres, viram



arte pela mente e corpo de Raquel. Já são dois os monólogos escritos e apresentados por ela, nos quais questiona a higienização na política de Saúde Mental e o papel do Estado que ao invés de garantir direitos, os viola.

São inúmeras as vulnerabilidades, as violências e a negação de direitos, mas também inúmeras as possibilidades de agir para mudar esse cenário. Raquel escolheu o Serviço Social com o objetivo de contribuir para a melhoria de vida das pessoas e, junto com a militância, tão enriquecedora para as e os assistentes sociais, ressignifica também o seu passado. Por toda resistência e trabalho desenvolvido, ela é uma das mulheres, assistentes sociais de luta, homenageadas pelo CRESS-MG!



RAQUEL DAYANE DE FARIA (em memória)

CRIANÇAS E ADOLESCENTES | SANTO ANTÔNIO DO MONTE



Quantos direitos são ofertados a gente humilde como sendo favor ou caridade? Essa dinâmica, pautada na falta de acesso

à informação e à educação, realidade comum em um país desigual como o nosso, ajuda a manter opressões e explorações. De origem simples, criada pela mãe e pelo pai, com mais sete irmãs e irmãos, em Piumhi, no Centro-Oeste do estado, Raquel



desde nova percebia que tinha algo errado com as benesses que sua família recebia da elite local.

Anos depois, ao cursar Serviço Social - algo que só foi possível por conta do Financiamento Estudantil (Fies), aprendeu que aquilo que lhe era apresentado como caridade se tratava, na verdade, de direitos básicos que o Estado deveria garantir a qualquer pessoa. Entender que sua família, portanto, não devia favor a ninguém foi libertador e também motivou mais sua formação profissional. Respeitando a história de cada usuária e usuário, Raquel marca positivamente os lugares por onde passa.

Em sua cidade natal, trabalhou na Saúde Mental por meio do Caps II e Caps AD, e em Lagoa da Prata, integrou a Assistência Social, atuando no Cras Gomes.



Hoje vive em Santo Antônio do Monte, onde coordena o Cras Dom Bosco, além de atuar no Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes de uma ONG do município, onde luta pelo reconhecimento da adoção como uma forma de constituir família.

Neste espaço, a assistente social contribuiu para a adoção de uma criança com um perfil complexo, situação que ela descreve como a mais marcante de sua carreira. Há quatro anos na instituição, o menino de oito anos, com TDAH, epilepsia e transtorno intelectual foi finalmente adotado por uma família. Raquel teve a oportunidade de encontrá-lo posteriormente e ver a melhora do seu quadro após se integrar no novo lar.



Além de comprometida com o Serviço Social e de estar em constante atualização profissional, ela reconhece e enaltece a importância tanto das colegas de profissão, como de outras áreas que já trabalharam e as que hoje trabalham com ela. Raquel sabe que a trajetória e as conquistas profissionais se constroem através do esforço individual, mas também coletivo, e é também por isso que o CRESS-MG a homenageia!



WIATAIANA ELIAS

JUDICIÁRIO | UBERABA



Criada em família chefiada por mulher - sua avó, vendo de perto a mãe sendo tomada pela dependência química e, ainda, sem paternidade registrada. Essa é a realidade de muitas brasileiras e brasileiros e é também o começo da história de Wiataiana Elias, assistente social do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), mestre em Serviço Social e defensora do direito à convivência familiar e comunitária, assim como dos direitos das crianças,



adolescentes, mulheres e pessoas marginalizadas.

Mesmo tendo crescido em um ambiente com grande vulnerabilidade social, a servidora pública sabe que sua trajetória a compõe, mas não a define, e mais do que isso, hoje, Wiataiana, nas minúcias do dia a dia e de seu trabalho, luta e atua por um país que garanta direitos básicos a todas e todos os indivíduos.

A militância da assistente social começou ainda na adolescência, quando participava de ações de uma Comunidade Eclesial de Base (CEB) visitando famílias que moravam em regiões vulneráveis de sua cidade natal, Igarapava, no interior de São Paulo. Foi nesse momento que, mais do que se identificar com essas pessoas, Wiataiana percebeu que seu papel era maior e que não conseguiria



mais se calar diante destas condições indignas.

Durante sua formação em Serviço Social, a jovem viu sua fé posta à prova, isso porque no curso, as bases dos sistemas que operam no país e no mundo são questionadas, inclusive a religião - quando usada para oprimir ou para nortear a tomada de decisões políticas que afetam a vida de milhões de pessoas. Hoje, mesmo não tendo a mesma relação com a espiritualidade, a assistente social, mais amadurecida, mantém sua essência espiritual viva e alinhada a uma consciência social.

Após se formar, idealizou e participou de iniciativas reconhecidas nacionalmente, como o Grupo de Apoio à Adoção (Graau) e o Grupo Interinstitucional Pró Adoção (Gipa) que amparam e caminham junto às famílias



que nascem a partir da adoção. A assistente social também foi cofundadora do Grupo de Trabalho Sinal Amarelo que além de fortalecer ações com mulheres em vulnerabilidade social, serviu como um articulador para o “Programa Entrega Legal”, do Poder Judiciário do Estado de Minas Gerais.

Mas Wiataiana gosta mesmo é de suas ações mais diretas com a comunidade. “Se eu pudesse eleger algo que me realiza nesse percurso é o fato de ter colaborado com inúmeras crianças, adolescentes e suas famílias a darem um novo tom às suas vidas. Vi famílias superando a dependência química, vi famílias fortalecendo seus vínculos, vi mulheres rompendo ciclos de violência e atuei em inúmeras adoções especiais - aquelas de crianças bem maiores, com



necessidades especiais e grupos de irmãos”.

Trabalhando atualmente com o Acolhimento Institucional dentro do TJMG, Wiataiana sente que ainda há muito o que avançar em relação ao Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente, por isso ela sabe que mesmo a passos lentos, a luta e a resistência das e dos assistentes sociais neste e em tantos outros espaços sócio-ocupacionais são essenciais para que haja uma transformação na sociedade. É pela sua força e resiliência que o CRESS-MG presta homenagem a Wiataiana!



//

**TODAS AS ENTREVISTAS FORAM
CONCEDIDAS DE MARÇO A
JULHO DE 2022.**



REALIZAÇÃO:
Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais

